



ILKA MIGLIO DE MESQUITA
ROSANA AREAL DE CARVALHO
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO
(Organizadores)

NAS DOBRAS DE CLIO:

HISTÓRIA SOCIAL E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO



COLEÇÃO
Pensar a Educação
PENSAR O BRASIL • 1822 - 2022
Série Estudos Históricos

M
MAZZA
edições

ILKA MIGLIO DE MESQUITA
ROSANA AREAL DE CARVALHO
LUCIANO MENDES DE FARIA FILHO
(Organizadores)

NAS DOBRAS DE CLIO:
HISTÓRIA SOCIAL E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO



NAS DOBRAS DE CLIO: HISTÓRIA SOCIAL E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Copyright © 2014 by Ilka Miglio de Mesquita, Rosana Areal de Carvalho, Luciano Mendes de Faria Filho (Organizadores)

Todos os direitos reservados

COLEÇÃO PENSAR A EDUCAÇÃO PENSAR O BRASIL

Comitê Editorial

Marcus Aurelio Taborda de Oliveira – Coordenação (UFMG)

Cleide Maria Maciel de Melo

José Angelo Gariglio (UFMG)

Juliana Cesário Hamdan (UFMG)

Luciano Mendes de Faria Filho (UFMG)

Marcus Vinicius Corrêa Carvalho (UFF)

Maria do Carmo Xavier (PUC Minas)

Rosana Areal de Carvalho (UFOP)

Tarcísio Mauro Vago (UFMG)

Série Estudos Históricos

Coordenação

Juliana Cesário Hamdan (UFOP)

Marcus Vinicius Corrêa Carvalho (UFF)

Capa

Túlio Oliveira

Revisão

Adalberto Nunes Pereira Filho, Lourdes Nascimento e Patrícia Falcão

Projeto Gráfico e diagramação

Casadecaba Design e Ilustração

Nas dobras de Clio: história social e história da educação / Ilka Miglio de Mesquita, Ione Ribeiro Valle, Rosana Areal de Carvalho, Luciano Mendes de Faria Filho: (Organizadores). – Belo Horizonte : Mazza Edições, 2014.

216 p. ; 16x23 cm

ISBN: 978-85-7160-637-1

1. Educação – História. 2. História social. I. Mesquita, Ilka Miglio de. II. Valle, Ione Ribeiro. III. Faria Filho, Luciano Mendes de.

CDD: 370.9
CDU: 37.0(091)

Produção Gráfico-editorial

MAZZA EDIÇÕES LTDA.

Rua Bragança, 101 – Pompeia

30280-410 BELO HORIZONTE – MG

Telefax: + 55 (31) 3481-0591

email: edmazza@ual.com.br

site: www.mazzaedicoes.com.br

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo apoio à publicação desta obra.

Sumário

Apresentação.....	9
Christopher Hill: virando a historiografia de ponta-cabeça – um possível diálogo com a História da Educação?	11
<i>Ilka Miglio de Mesquita, Rosana Areal de Carvalho</i>	
Eric Hobsbawm: a historiografia social inglesa e a História da Educação no Brasil	31
<i>Marcília Rosa Periotto</i>	
História social e História da Educação – As contribuições de Edward Thompson	53
<i>Alessandra Frata Martinez de Schuele, Marcelo Mac Córd</i>	
Raphael Samuel e a história local	83
<i>Raylane Andreza Dias Navarro Barreto</i>	
Raymond Williams: um crítico radical da cultura	103
<i>Marcus Aurelio Taborda de Oliveira</i>	
Peter Burke – Circulação e apropriação do seu pensamento na História da Educação brasileira	123
<i>Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, Cláudia Engler Cury</i>	
Benedict Anderson e a questão nacional	143
<i>Natália de Lacerda Gil</i>	
Nas margens, com Natalie Zemon Davis	163
<i>Liane Maria Bertucci</i>	
Fronteiras de um mesmo diálogo: Edward Thompson, Charles Tilly e as possibilidades da pesquisa em História da Educação	189
<i>João Alfredo Costa de Campos Melo Junior</i>	
Sobre os autores.....	211

Apresentação

Nos anos de 1960 e 1970, no contexto internacional, um mal-estar nos domínios da musa Clio foi instalado e, com isso, pudemos perceber mudanças no campo da historiografia. Rupturas epistemológicas promovidas pela quebra de paradigmas explicativos da realidade abalaram os pressupostos baseados em ideias globalizantes e verdades construídas pela crença absoluta nas ciências do século XIX. Em combate, Clio passa a ser revisitada pelos historiadores diante da demanda de questões e referenciais de análise, acrescida de outros olhares para a diversificação de fontes e objetos.

A *New Left Review* tornou-se a porta-voz do combate à ortodoxia da historiografia marxista pelo grupo anglo-saxão, notadamente composto de historiadores ingleses. A História Social e Cultural, alargando seu campo ocular, passa pela revisão da teoria, método, temática e fonte de pesquisa e volta-se para a análise dos "subalternos" da história, ou seja, confirma a preocupação com os de baixo. Nesse sentido, o fazer historiográfico dos historiadores sociais produziu o movimento de trazer à tona a diversidade de significados que homens e mulheres conferiram a si próprios e ao mundo. A análise da luta de classe será realizada por meio do estudo, por exemplo, pela experiência de classe, enfocando consciências de práticas cotidianas e identidades construídas dentro da própria vivência.

Por sua vez, sabemos da importância dos historiadores sociais e culturais ingleses para a historiografia contemporânea, porém, temos notado que o diálogo com as pesquisas em História da Educação no Brasil ainda é pequeno, com possibilidades de expansão. Em contrapartida, sabemos que a pesquisa na área é relativamente recente, tendo seu maior influxo a partir dos anos de 1980, com a expansão dos programas de pós-graduação no país. Como consequência disso, identificamos o surgimento dos grupos de pesquisa, periódicos e eventos da área, demonstrando a

fertilidade desta. Produção essa trazida pelos ventos dos "novos objetos, novos problemas e novas abordagens".

Reconhecemos que a pesquisa empírica perde em conteúdo quando não está acompanhada de uma análise histórica embasada em reflexões teóricas consistentes. Nesse sentido, este livro tem o intuito de colaborar para a pesquisa em História da Educação como uma obra que propõe, pela diversidade de olhares e diálogos, subsídios para a História Social e Cultural da educação.

Pensar a História Social e Cultural em diálogo com a História da Educação significa atentarmos para a produção de conhecimentos na perspectiva de análise desses historiadores revisitados e analisados pelos autores dos textos, compostos para este livro. Pode, também, significar o que nos colocou E. P. Thompson:

[...] os modos de escrever a história são tão diversos, as técnicas empregadas pelos historiadores são tão variadas, os temas da investigação histórica são tão dispares e, acima de tudo, as conclusões são tão controversas e tão veementemente contestadas dentro da profissão, que é difícil apresentar qualquer coerência disciplinar.¹

Portanto, cada autor se apossou de sua musa Clio e fez com que seu estilete preenchesse as dobras com as marcas de suas próprias experiências de formação, de trajetória de vida e pesquisa, assumindo, pela diversidade, uma narrativa autoral. Posto isso, convidamos para a leitura deste livro.

A sequência de textos começa por aqueles historiadores sociais e culturais ingleses que se fizeram presentes na fundação da *New Left Review*, seguidos de historiadores que, de uma forma ou de outra, produziram no campo da História Social e Cultural. Encerra-se com um texto que evidencia parte das reflexões desenvolvidas no âmbito do Grupo *Historiar*, vinculado ao Centro de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE), com a intenção de alargar possibilidades teóricas.

Os organizadores

¹ THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Raphael Samuel e a história local

RAYLANE ANDREZA DIAS NAVARRO BARRETO

Raphael Elkan Samuel, inglês, casado, historiador e professor, residente e domiciliado em Londres, nascido em 1934 e morto pelo câncer em 1996. Filho de judeus, o pai era o advogado Samuel Barnett e a mãe, a compositora Minna Nerensein. Tendo a mãe e o tio Chimen Abramsky – o historiador judeu da Primeira Internacional – como exemplos, entrou para o partido comunista da Grã-Bretanha, no qual teve participação destacada e atuante e se juntou a Edward Palmer Thompson, Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Arthur Leslie Morton, John Saville, George Rude, Rodney Hilton, Dorothy Thompson, Edmund Dell, Victor Kiernan e Maurice Dobb, membros de uma confraria denominada “Grupo de Historiadores do Partido Comunista” e criadores da *New Left Review*.¹ Eis o objeto de estudo para este capítulo de livro que se propõe analisar a produção historiográfica de autores da História Social e Cultural Inglesa, identificando questões teóricas e metodológicas que os articulem com a pesquisa em História da Educação e em que medida eles contribuem para esse campo.

Adentrar na história de vida de um sujeito não se traduz tarefa fácil, se se considerar que esse sujeito contribuiu com sua área de atuação de maneira singular e que, por isso, hoje consta no rol dos historiadores sociais e culturais mais bem-sucedidos da contemporaneidade, isso por causa de seu método, a tarefa se torna

¹ A *Revista Passado e Presente* foi pioneira no estudo da história da classe trabalhadora.

ainda mais comprometedor, pois exige, no mínimo, uma compreensão ampla do homem, do historiador, do seu lugar e, sobretudo, do seu ofício. Com o objetivo de entender a contribuição de Raphael Samuel para o campo da História e em especial para a História da Educação, considerarei sua trajetória de vida e sua obra intelectual. Com uma história de vida muito instigante e autor de vários artigos, resenhas, ensaios, além de organizador de vários compêndios,² a nossa personagem se torna cada vez mais conhecida mundo afora, pois tem na sua própria história um capítulo que deve constar na historiografia da História Social e Cultural, para além da Inglaterra.

Raphael Samuel estudou no King Alfred School e no Balliol College em Oxford, onde, dentre outros professores, foi aluno do bem conhecido historiador marxista Christopher Hill. Sua vida de estudante foi marcada pela sua ascendência religiosa judaica e por sua vontade de mudar "o seu lugar". Foi assim que enveredou por um caminho que o levou ao partido comunista da Grã-Bretanha e ao marxismo. Tempos depois, por motivos ideológicos, se viu, assim como todos os membros do "Grupo de Historiadores do Partido Comunista", premido pela situação estabelecida entre seu líder político Nikita Krushchev, sucessor de Stalin e Imre Nagy, primeiro ministro da Hungria. Isso porque o que estava em jogo era a independência dos povos do leste europeu a partir da União Soviética. A historiografia registra que para combater Nagy, que queria a retirada da Hungria do Pacto de Varsóvia e propunha uma discussão pública sobre a reforma política e econômica, Khrushchev enviou o Exército Vermelho para a Hungria, resultando em um número estimado de 20.000 mortes.

Ao ir de encontro à atitude de Khrushchev, Samuel e outros colegas acabam por serem expulsos do partido. O colega e autor de seu obituário, Bill Schwarz (1997, p. 85), assim descreve a situação vivenciada por ele naquele período:

A partir daquele momento, seu antigo senso de identidade transformou-se, conforme ele descreveu mais tarde, em "um mundo perdido". Reestruturar-se novamente e reconstruir, a partir dos escombros, uma justificativa

² São eles: *Village Life and Labour* (1975), *Miners, Quarrymen and Saltworkers* (1977), *People's History and Socialist Theory* (1981), *East End Underworld* (1981), *Culture, Ideology and Politics* (1983), *Theatres of the Left: 1880-1935* (1985), *The Lost World of Communism* (1986), *The Enemy Within: The Miners' Strike of 1984* (1987), *Patriotism: The Making and Unmaking of British National Identity* (1989), *Patriotism: Minorities and Outsiders* (1989), *The Myths We Live By* (1990), *Theatres of Memory* (1996) e *Island Stories: Unravelling Britain* (1997).

política ou moral para o estudo da história exigia uma jornada intelectual, que ele empreendeu com curiosa mescla de imaginação e intransigência, requinte intelectual e confessa ingenuidade teórica. (tradução nossa)

Naquele momento, foi no campo preciso da História que Samuel enveredou em busca de outros caminhos, substituindo seu discurso e sua prática de militante por concepções calcadas única e exclusivamente a partir do próprio povo, por quem e para quem, segundo ele, o historiador deve falar. O que ele queria com isso era que os indivíduos pensassem sobre o seu próprio lugar no mundo, concebendo-o, inclusive, como um lugar histórico, passível de questionamentos. Foi com esse intuito que contribuiu para a criação do Café *The Partisan*, um lugar de encontro entre intelectuais que pensavam o presente e o futuro da nova esquerda inglesa. A esse tempo, ele recebeu uma bolsa de estudos no Instituto de Estudos da Comunidade, sob a orientação de Michael Young, onde aprofundou os estudos e sedimentou ainda mais sua visão da História quando elegeu como objeto de estudo os sistemas de parentesco no bairro antigo Bethnal Green.

Começou sua carreira de professor como Tutor no Colégio Ruskin, em 1962, onde inspirou a admiração dos alunos por seu estilo despojado no vestir e portar-se, e por despertar neles a vontade de escrever. Na verdade, ele não ensinava apenas a escrever, mas a argumentar pontos de vista a partir das experiências vividas por quem está escrevendo. Mais do que alfabetizar e preparar os alunos trabalhadores de idade avançada para a entrada na universidade, ele acreditava que cada pessoa tinha uma história a ser contada e que ela poderia ser habilitada a escrever, tornando-se assim o historiador de seu próprio passado. Em 1967 Raphael Samuel criou a *History Workshop*, espécie de Oficina de História, na qual ele parecia resumir seu intencional do fazer historiográfico. Nos seminários produzidos foram discutidos temas como a história das mulheres, a infância, o patriotismo, o que acabava ampliando as definições de nação, identidade e diversidade cultural da Grã-Bretanha.

Sua ideia era democratizar o ofício do historiador e para tanto contou com vários entusiastas, a começar por Anna Davin, sua primeira esposa, com quem compartilhou seu esforço por uma História de e para todos. Vale ressaltar que o *History Workshop* estimulou a criação de várias redes dentro da Inglaterra, que deram densidade ao movimento e que lhes rendeu reuniões anuais, consideradas instigantes para os entusiastas do novo modo de conceber a História. Como resultado do "Movimento" foi editado, em 1975, o *History Workshop Journal*, que nos seus mais de quarenta

volumes guardam, como registro, a memória do trabalho e a expansão da mente do historiador Raphael Samuel, consolidando o seu modo democrático de pesquisar e entender a História.

Entre 1975 e 1980 Samuel editou os trabalhos que foram fruto das experiências com o *History Workshop*. São alguns exemplos os livros *Village Life and Labour* (1975), *Miners, Quarrymen and Saltworkers* (1977) e *People's History and Socialist Theory* (1981). O primeiro trata de algumas das tradições da vida rural e do trabalho inglês durante o tempo de crescente mecanização agrícola e sua relação com o trabalho; o segundo retrata a vida de mineradores, pedreiros e trabalhadores de salinas; o terceiro tem a colaboração teórica de vários intelectuais, incluindo Peter Burke e Edward Palmer Thompson, Ian Cartes, Perry Anderson, Stuart Hall, Paul Thompson e Ana Davis, entre outros. Segundo ele a reprodução dos textos dessa coletânea que traz artigos sobre a história do povo, a história local, a tradição oral, o papel do historiador, estudos dos camponeses, do Estado, do capitalismo, do socialismo, do feminismo dentre vários outros temas são

[...] reproduzidos em parte por seu interesse histórico para qualquer um que gostar de saber mais sobre o desenvolvimento da história e da teoria socialista, e em parte por causa da importância substantiva das questões levantadas, em particular, a centralidade do conceito de "experiência" no trabalho histórico atual. (SAMUEL, 1981, p. 376, tradução nossa)

Em 1981, utilizando-se da metodologia da história oral, escreveu a biografia de um criminoso do leste de Londres, Arthur Harding, intitulada *O submundo de East End*. Esse livro, agregado ao conceito que já dispunha, pelos seus múltiplos trabalhos em Rustink, o levou, em 1994, depois de 30 anos alfabetizando e ensinando jovens e adultos à Universidade de East London. Foi nessa Universidade que ele criou e instalou um Centro de Pesquisas sobre a vida local. Depois de sua morte o Centro passou a ser denominado de Centro de História Raphael Samuel,³ que funciona até

³ O Centro de História Raphael Samuel é mantido por uma parceria entre a University of East London (UEL), Birkbeck, University of London e o Bishopsgate Institute. O centro oferece seminários, curso, eventos, desenvolve projetos de ensino e pesquisa, além de colocar a disposição de pesquisadores o arquivo pessoal do seu patrono.

hoje, enriquecido em seus propósitos por novas temáticas, que vão desde a história dos meios de transportes ao movimento LGBT, por exemplo.

Na visão de Schwartz e Louzada (1997, p. 85),

Convencionalmente, a reputação dos historiadores bem conceituados é estabelecida a partir das obras que escrevem e da sua discreta ascensão na hierarquia acadêmica. Em nenhum desses aspectos, durante a maior parte da sua vida profissional, Samuel poderia ter a mais remota pretensão. O primeiro livro de sua autoria exclusiva, *Theatres of Memory*, foi lançado quando ele estava perto dos 60 anos – uma forma despropositada de se pautar pelas normas de desempenho acadêmico. Longe de se sobressair entre as fileiras e ir em busca das pompas do magistério, sentia-se feliz no ambiente que escolhera – entre os adultos que alfabetizava em Ruskin – e genuinamente indiferente a tudo que pudesse ter vestígios de carreirismo.

Assim, pautado por uma história local e aliando a história oral à pesquisa documental, Raphael Samuel amplia seus objetivos e concebe um modo historiográfico não mais preocupado com as experiências perdidas de uma ou outra classe econômica, mas um modo preocupado com “[...] os mecanismos segundo os quais o passado é lembrado, dramatizado e questionado no presente.” (SCHWARTZ; LOUZADA, 1997, p. 87).

Foi com o artigo “Philosophy of brick” (Filosofia dos tijolos) que nossa personagem demonstrou sua predileção pela cultura em detrimento das questões econômicas. Ao analisar as diferentes construções de tijolos em Londres e atentar mais para o *modus operandi*, ou seja, a forma e as condições em que foram construídos, do que necessariamente para o progresso da mecanização, como faria um historiador da economia, Raphael alargou seus horizontes e decididamente se desvencilhou, se é que um dia foi adepto, da História tradicional e firmou posição em prol da História Social Inglesa. Em seu ensaio “Roughs Quarry”, publicado em *Village Life and Labour* (1975), ele fez uso de vários tipos de fonte e a confrontou com a história oral e a partir delas lançou um outro olhar sobre o passado, desta feita tendo por foco a cultura. No final dos anos 1970 ele se dedicou à cultura progressista entre guerras, contribuindo com um novo entendimento da cultura britânica.

Na década de 1980, mais precisamente em 1986, ele se casou com a escritora Alisson Light e com ela estabeleceu uma parceria intelectual, culminando em um lar que se transformara, na visão de Bill Schwartz, em um laboratório de ideias. Foi

nessa mesma década que, assim como muitos da esquerda, ele demonstrou um fascínio pela senhora Margaret Thatcher e o thatcherismo. Em uma série de reuniões e coletâneas de ensaios, ele procurou entender as raízes históricas de seu percurso. O resultado foi a coleção de três volumes denominada *Patriotismo*, que editou em 1989.

Mas foi precisamente com sua obra *Teatros de memória: passado e presente na História contemporânea*, de 1996, que Samuel demonstrou seu talento como historiógrafo. Nesse livro, ele tratou do uso da imagem, em especial da fotografia, para compreender a História e a memória da Inglaterra. Raphael Samuel (1997, p. 50) parte da seguinte problemática:

Uma das coisas desconcertantes, que me levou a trabalhar no presente ensaio, foi a verificação tardia de que, em nossa ignorância sobre os artifícios da fotografia vitoriana, muito do que produzíamos com tanto amor e anotávamos (como acreditávamos) tão meticulosamente era falso – era cópia, mesmo se na forma de documentário. Assim (sei agora), o grupo de ceifadores reproduzidos (em sépia) na sobrecapa de *Village life and Labour*, pitorescamente agrupado ao redor de feixes de milho, tinha sido cuidadosamente arrumado para parecer uma cena do gênero, enquanto a figura de um ceifador “northumbriano” é claramente um exercício na poética do trabalho.

Em *Teatros de memória...*, Samuel desmitifica um rol de fotografias da época vitoriana, chamando atenção para o fato de que as memórias representadas nas fotografias foram, se não forjadas, maquiadas. Como exemplo trago à luz o caso do sapateiro politizado retratado na foto *Strengthening the Understanding*, que ganhou o prêmio na exposição anual da *Photographic Society*, destacado pelo *The Photographic News* de 9 de outubro de 1885. Relatou o fotógrafo:

Meu modelo... casualmente passou pela porta do meu estúdio e, como ele estava muito sujo, assaltou-me a ideia de que seria possível tirar uma foto dele, se conseguisse pô-lo sentado. Dei um jeito de conhecê-lo e logo descobri que sua profissão era a de sapateiro e sua grande fraqueza a política. Após muita conversa, consegui tê-lo no estúdio; porém aventurei-me diretamente a lhe sugerir pousar para uma foto, o que foi o sinal para ele se encaminhar em direção a porta. A cerveja logo o convenceu a ficar e levou só dois ou três minutos apanhar um caixão vazio, uma velha caixa, barbante e papelão. A maior dificuldade era torná-lo mais desarrumado

ainda do que estava, e quando pedi para tirar o casaco, ele saltou e disse: “Não; meus amigos não me reconheceriam assim”. Consegui a expressão tornando-o excitado sobre os últimos discursos (políticos), e ao final, perguntei-lhe se sabia algo sobre a derrota do Governo e a dissolução do Parlamento, quando ele esticou ao máximo o seu pescoço e disse: “Governo derrotado! Aonde?” – e então eu cliquei. A próxima tarefa era construir uma loja de sapateiro; o que fiz em meu estúdio de edição, e, então, imprimi a foto. (*Apud* SAMUEL, 1997, p. 63)

Tal fotografia é um dos vários exemplos utilizados por Raphael Samuel para desmitificar a memória que pode ser produzida e tomada como verdade, daí a necessidade de desoficializá-la como suporte único, o que se consegue com o confronto com outras fontes, a exemplo do testemunho oral. Por certo a fotografia serve como ilustração ou mesmo para mostrar aos presentes como foi o passado, assim como despertar naqueles que a presenciaram novas memórias, por isso elas, muitas vezes, suprem informações ou confirmam fatos. Nesse livro fica claro como o presente pode “brincar” com o passado e como é importante para o fazer historiográfico a evidência do visual e a percepção das minorias estigmatizadas.

Para Samuel (1997, p. 41-45)

[...] a memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo intemporal da “tradição”, ela é progressivamente alterada de geração em geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. Tem, estampadas, as paixões dominantes de seu tempo. Como a história, a memória é inerentemente revisionista, e nunca é tão camaleônica como quando parece permanecer igual.

No segundo volume de *Theatres of Memory* que tem o subtítulo *Island Stories: Unravelling Britain*, editado depois de sua morte, em 1997, Raphael enveredou pela fascinante seara dos mitos ingleses modernos, desvendando, na vida diária e nas representações no senso comum, como cada um dos grandes personagens da História contribuem com a identidade do seu povo. Nesse livro são contempladas figuras como Bede e Gerald de Barri, Macaulay e Stubbs, Shakespeare e Dickens, Lord Reith e Raymond Williams, Margaret Thatcher e Tony Blair com o objetivo específico de evidenciar as mutabilidades nacionais e como os países usam seu passado para dar

um sentido ao presente e ao futuro. Os dois volumes de *Theatres of Memory* é por certo uma obra madura que põe em evidência a pluralidade do visual e é, por isso, considerada a mais importante de sua carreira.

Samuel também deixou um rico repertório de obituários, que servem e servirão como ponto de partida para investigações sobre os mais diversos tipos biografados e eternizados pela sua escrita. Suas notas de rodapé também são verdadeiros presentes para aqueles que desejam enveredar pelo caminho da pesquisa histórica. Nelas ele indica caminhos, fontes e abordagens que podem ser seguidas. Eis uma das suas principais contribuições para os futuros historiadores. Nas palavras de Bill Schwarz (1997, p. 88),

Samuel acreditava que a carga emocional dos obituários provinha de seu poder simbólico de "desafiar a ideia de extinção". O poder simbólico do trabalho que desenvolveu durante toda a vida proporcionou uma impressionante dignidade àqueles mal compreendidos pela história e atuou nesse mesmo sentido.

RAPHAEL SAMUEL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTÓRIA SOCIAL E CULTURAL INGLESA

O que se pode apreender de Raphael Samuel em seus outros ensaios, livros e edições do *History Workshop* é que ele elegeu como objetos de suas investigações os mais marginais dos temas, a exemplo dos proletários, de irlandeses católicos pobres, da iluminação pública, da rebelião colonial, da saúde pública entre tantos outros temas. Outro aspecto que merece destaque é que não foi pela pesquisa historiográfica que Samuel contribuiu para a interpretação da História Social e Cultural Inglesa, mas simplesmente porque pôs a vida cotidiana de cidadãos simples no seu centro, popularizando a ciência e a concebendo não como realização e conclusão, mas como processo e debate.

Ele tinha uma visão muito própria da História, pois para ele,

Por um lado, a história fragmenta e divide o que no original pode ter-se apresentado como inteiro, abstraindo aqui um pequeno detalhe descritivo, lá uma cena memorável. Por outro lado, a história compõe. Integra o que no original pode ter sido divergente, sintetiza diferentes classes de informação

e contrapõe diferentes ordens de experiência. Traz o meio esquecido de volta a vida, de uma forma muito parecida à dos pensamentos oníricos. E cria uma narrativa consecutiva a partir dos fragmentos, impondo ordem no caos e produzindo imagens muito mais claras do que qualquer realidade poderia ser. (SAMUEL, 1997, p. 45)

Foi juntando fragmentos e produzindo imagens que Raphael Samuel produziu cerca de 165⁴ escritos entre livros,⁵ compilações, artigos, ensaios, entre outras expressões, por meio das quais ele reverberou sua forma de conceber e divulgar a História. No *Bishopsgate Institute*, constam tais produções que se somam a outras cujo propósito foi dar continuidade ao seu trabalho e revelar seus métodos investigativos e suas práticas de trabalho. Hoje, o Instituto apresenta-se como o guardião de sua memória. São cerca de 700 caixas de material, incluindo documentos de suas pesquisas, correspondências com outros historiadores, material bibliográfico e suas fotografias. A coleção também inclui cerca de 180 fitas cassetes (detalhando o uso da história oral para vários projetos de pesquisa). Há ainda suas palestras e aparições no rádio, bem como de alguns historiadores e ativistas e músicas de protesto político.

Assim, fosse ensinado, fosse pesquisando, fosse propondo um modo diferente de escrever a história ou mesmo deixando o fruto do seu trabalho para as gerações que lhe sucederam, Raphael Samuel contribuiu significativamente com o campo da História. Suas pesquisas acerca do passado do leste de Londres, sobre a pobreza na época vitoriana, sobre a família e os sistemas de parentesco somam-se a outras e compõem o rico acervo do Instituto Bishopsgate.

⁴ As referências completas de suas obras se encontram no Bishopsgate Institute no endereço: <<http://www.bishopsgate.org.uk/uploads/media/98/398.pdf>>.

⁵ São livros: *Village Life and Labour* (1975); *Miners, Quarrymen and Saltworkers* (1977); *People's History and Socialist Theory* (1981); *East End Underworld* (1981); *Culture, Ideology and Politics* (1983); *Theatres of the Left, 1880-1935* (1985); *The Last World of Communism* (1986); *The Enemy Within: The Miners' Strike of 1984* (1987); *Patriotism: The Making and Unmaking of British National Identity* (1989); *Patriotism (Volume 2): Minorities and Outsiders* (1989); *The Myths We Live By* (1990); *Theatres of Memory: Volume 1: Past and Present in Contemporary Culture* (1996); *Theatres of Memory: Volume 2: Island Stories: Unravelling Britain* (1997); *The Last World of British Communism* (2006).

CONCEPÇÃO E MÉTODO HISTORIOGRÁFICO

Segundo o próprio Raphael Samuel deu a entender, ele teve em *Mnemosine*, a deusa da memória, uma espécie de guia de seu trabalho, que tinha, na memória, a base da ensinagem. Recorreu aos estudos dos gregos, ao poeta Simonides de Ceos, a Cícero, a Santo Agostinho, bem como à historiadora Frances Yates e conclui que a memória é a origem de todas as pedagogias, sendo, inclusive, fonte tanto para a arte como para a ciência. Ao reconhecer que a memória, na contemporaneidade, é concebida mais pelo viés romântico e poético do que propriamente o científico, Raphael Samuel tem nos historiadores Jules Michelet e Edward Palmer Thompson as bases e as referências para o seu modo de conceber História. O primeiro entendia que a História deveria dar “voz aos sem voz” e a palavra aos mortos; e o segundo considerava que a História era um “ato de reparação que salvasse os derrotados da enorme condescendência da posteridade”. Fato é que não se pode conceber a História sem que se faça uso da memória.

Por certo, a maior contribuição de Raphael Samuel para a produção historiográfica cultural e social inglesa está no campo da história local. Ao eleger como objeto de suas investigações um criminoso local, ou mesmo o uso de tijolos em construções, ou ainda a memória local guardada ora por vitrais nas igrejas, ora nas pinturas e nas fotografias, para além das fontes documentais, que iam desde um simples anúncio num jornal a um alfarrábio guardado por um bibliotecário de uma comunidade simples, Samuel entra no rol dos historiadores voltados à decodificação da realidade, por um prisma democratizador em que o homem simples tem sua “voz” identificada e estudada. Para ele:

A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível do desenvolvimento e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata do passado. Ele a encontra dobrando a esquina e descendo a rua. Ele pode ouvir os seus ecos no mercado, ler o seu grafite nas paredes, seguir suas pegadas nos campos. As categorias abstratas de classe social, ao invés de serem pressupostos, têm de ser traduzidas em diferenças ocupacionais e trajetórias de vidas individuais; o impacto da mudança tem de ser medido por suas consequências para certos domicílios. Os materiais básicos do processo histórico devem ser constituídos de quaisquer materiais que estejam à disposição no local ou a estrutura não se manterá. (SAMUEL, 1990, p. 220)

Perceber que em qualquer lugar existe uma ideia imediata do passado e que os materiais à disposição contam sua história contribuiu para o seu modo de compreender

a História. Voltar seu olhar para as representações imagéticas ou mesmo ouvir o que se diz sobre esse ou aquele episódio, ou ainda sentir a atmosfera do lugar, que por sua vez pode ser dotada de sentimentos, cheiros, sabores e sensações que remetem a uma verdade escondida ou mesmo não intuída, fez do ofício do historiador Raphael Samuel um ofício alargado, não circunscrito aos ditames da academia tradicional, em que imperam imagens, vozes, decisões de pessoas que, mesmo à margem, contribuem para uma compreensão mais democrática da História.

ORALIDADE E IMAGEM NA HISTÓRIA LOCAL

La historia oral es una necesidad en cualquier programa que intente documentar el siglo XX. Es un imperativo. (SCHWARZSTEIN, 2002, p. 167)

Foi assim que Dora Schwarzstein começou seu artigo sobre os desafios e os problemas das fontes orais e dos arquivos. Baseando-se em historiadores como Pierre Nora e Raphael Samuel, o artigo publicado em 2002 traz dentre outras assertivas a de que a história oral tornara-se um recurso não somente indispensável para aqueles que tentam uma investigação histórica, mas a transcende, pois se convertera em uma prática de criação de patrimônio histórico, sem o qual o século XX perderia em qualidade, afinal o testemunho oral deu às fotografias e aos documentos escritos uma possibilidade a mais de explicação e interpretação, haja vista que é do confronto das fontes que o historiador faz sua arte.

Para Samuel (1990, p. 230),

Documentos não podem responder; nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive. A evidência oral por outro lado é infundável, somente limitada pelo número de sobreviventes, pela ingenuidade das perguntas do historiador e pela sua paciência e tato.

Em contrapartida, a memória não é apenas e tão somente um depósito passivo, onde os fatos são guardados tal qual aconteceram. A memória é passível de interferências, de criações, de esquecimentos, de preferências; em suma de significados outros que não um único. Por isso que a fonte oral deve ser considerada ao

analisar um fato, pois mais do que um lugar de lembranças, ela se revela uma forjadora de mudanças, estas consideradas de suma importância para dar sentido, forma e historicidade aos fatos. O que não significa que não existam pessoas reservadas ao revelar sua versão dos fatos, o que recorrentemente acontece quando o depoimento é sobre algo que incide sobre comportamentos como torturas, crimes ou mesmo fatos políticos. Nesses casos as informações mais preciosas podem estar no esquecido ou no que o fez esquecer.

Na visão de Samuel (1997, p. 44),

[...] a memória, longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado, é, isto sim, uma força ativa, que molda; que é dinâmica – o que ela sintomaticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que ela lembra – e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo.

Tendo a memória como historicamente condicionada, mudando de cor e tom, tal qual um camaleão condicionado ao tempo, Raphael a contrapõe a fontes documentais tradicionais, quer em arquivos públicos ou privados, o que faz com que os arquivos adquiram uma nova extensão e a história oral produza “[...] efeitos críticos e transformadores da prática historiográfica. O oral informa sobre a existência do documento tradicional ou modifica sua leitura” (SAMUEL, 1984, p. 70). E assim, para ele, a história tem o poder de fragmentar e compor, de sintetizar e de explicar fragmentos produzidos no tempo.

Ao refletir sobre a história oral, Louro (2000, p. 25) considera que:

Alguns problemas são usualmente levantados, no entanto. Geralmente, o primeiro a ser destacado refere-se a questão da confiabilidade da memória. Argumentos de ordem psicológica ou mesmo de ordem biológica são traduzidos: a seletividade da memória, a repressão dos fatos indesejáveis, o esquecimento, etc. Certamente estas não são restrições desprezíveis. Contudo, delas não escapam também os documentos escritos. Sabemos perfeitamente que se registra o que se quer registrar (basta prestar atenção aos jornais de hoje, às atas de nossas reuniões universitárias, aos relatórios governamentais); ou, falando mais amplamente, os documentos – do passado e do presente – dão uma versão, usualmente a versão dos grupos

hegemônicos. “Esquecimentos”, “seleção” são cometidos na forma escrita ou oral, de modo intencional ou não.

Por certo a tarefa do historiador vai além das fontes, pois recai no diálogo entre a realidade apreendida e um corpo teórico que lhe dá fundamento e direcionamento, indica fontes e método rumo ao conhecimento. Assim sendo, a História tem de ser analisada, comparada a outras Histórias, interpretada à luz do seu tempo e de suas condições, pois ao historiador cabe a busca de compreensão mais global, que por sua vez tem seu início na história local, nas micro-histórias e na metodologia da história oral. Reconhecer essa etapa como uma fase imprescindível para a compreensão da História foi o que fez Raphael Samuel. Ao investigar a cultura popular por meio de seus objetos e artefatos, ele colocou em evidência o patrimônio histórico do povo e por isso tornou-se seu historiador.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA À LUZ DE RAPHAEL SAMUEL

A metodologia da história oral se revela imprescindível para aqueles que querem enveredar pelos estudos (auto)biográficos, pela História do comércio, da família, de instituições, da ocupação de algum bairro ou cidade, de uma determinada guerra ou ainda de uma mineradora ou mesmo de empresa.

Na visão crítica de Samuel (1984, p. 70),

A história oral, que funda suas raízes em um capítulo do movimento operário – a história social –, não se fez oral por falta de documentos. À parte de que a noção de arquivo adquire uma nova extensão e combina fontes documentais tradicionais com arquivos orais, e mais frequentemente arquivos não públicos, a história oral produz efeitos críticos e transformadores da prática historiográfica. O oral informa sobre a existência do documento tradicional ou modifica sua leitura.

Seguindo o caminho aberto por Edward Palmer Thompson, Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Arthur Leslie Morton, John Saville, George Rudé, Rodney Hilton, Dorothy Thompson, Edmund Dell, Victor Kiernan e Maurice Dobb, Raphael Samuel compõe o rol de historiadores que consolidaram uma História Cultural e Social Inglesa. De sua parte, ele deixou como exemplos: o estudo da história local, em particular os temas *undergrounds*; a preferência pela metodologia da história oral, tendo por

base a memória e, o mais importante, o movimento denominado History Workshop ou Oficina de História.

No Brasil, a ideia do estudo da história local foi analisada por Rinaldo José Varussa no artigo "Pensando a paisagem como uma possibilidade para o ensino de História". Partindo dos "Parâmetros Curriculares para o Ensino de História" (3º e 4º ciclos do ensino fundamental), que aponta os "estudos do meio" como uma possibilidade de se desenvolver a produção do conhecimento histórico em sala de aula, o autor segue a linha proposta por Raphael Samuel e propõe um tipo de projeto em que os lugares conhecidos e visitados pelos estudantes no seu dia a dia sejam concebidos como documentos que, tal qual qualquer outro, também é passível de complementações de outras fontes, a exemplo de fotografias, mapas, documentos oficiais, jornais e depoimentos orais. Para Varussa, a paisagem é um documento útil ao historiador e ao professor de História e consequentemente ao "estudo do meio". Segundo ele é

Na viabilização destes trabalhos com os estudantes, conciliando visitas aos lugares com pesquisas documentais, pensamos ser possível estabelecer reflexões que lhes permitam produzir e vivenciar estas dinâmicas forjadas pelos sujeitos na constituição dos "seus territórios", apontando que, para além de mera organização de peças e objetos, os lugares comportam os diversos significados, os quais se constituem, por vezes, em meio a disputas e conflitos, expressando intenções e projetos de grupos e classes. (VARUSSA, 2000, p. 11)

Não por acaso, essa proposta envolve a visão de Raphael Samuel. Na década de 1980 trabalhou junto com outros professores, estudantes, historiadores acadêmicos e formuladores de políticas para influenciar a forma como a História deveria ser contemplada no currículo nacional inglês. A iniciativa de Raphael atualmente ganha novos contornos no centro de Pesquisa que leva o seu nome. Hoje, o grupo *RSHC History & Schools Working* desenvolve vários projetos, a exemplo do *Up the Manor*; do *The Adventurers History Club*; do *Young History Workshop*; do *Take me to the River*; e do *On the Move* – todos com o objetivo de despertar nas crianças o espírito investigativo da História.

O professor do ensino médio Luis Carlos Borges da Silva, para escrever seu artigo "A importância do estudo da história regional e local no ensino fundamental", parte da ideia de Samuel de que a história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele da História mais voltada para os grandes feitos e grandes heróis, pois

aproxima o historiador do seu foco de estudo e o passado se torna mais compreensível. Segundo ele, se o estudo da história local fosse adotado pelas escolas, as aulas poderiam ser mais prazerosas, os alunos poderiam perceber que "[...] sua própria vida já é uma grande história e que o conhecimento histórico pode ser elaborado por todos, independente de qualquer aspecto social, político, econômico e cultural" (SILVA, s/d, p. 4). Eis o que Samuel também queria uma História democratizada em que todos tivessem voz.

Silva, baseando-se em autores como Rodrigues (2001) e Fernandes (1995), conclui que a função básica do ensino de História é a construção de cidadãos críticos e o estudo do local seria o meio para isso. Na sua visão,

Ainda, estudamos Capitânicas Hereditárias, Governos Gerais, Independência do Brasil e Proclamação da República, mas não analisamos o processo de emancipação política do nosso município. Falamos da cultura e arte de outros locais, porém não enfatizamos o valor histórico do São João em nossa região, como exemplo a musicalidade do forró e até a guerra de espada em Cruz das Almas. Portanto, precisamos entender a necessidade de valorização do estudo da História Regional e Local no ensino fundamental, uma vez que "estudar o município é importante e necessário para o aluno, na medida em que ele está desenvolvendo o processo de conhecimento e de crítica da realidade em que está vivendo". (Fernandes, 1995, p. 8). (SILVA, 2006, p. 3)

Possamai, ao discutir possibilidades metodológicas para a investigação de vistas urbanas, presentes nos álbuns fotográficos de Porto Alegre, deixa clara a premissa de Raphael Samuel ao afirmar que ele, tal qual seus colegas de profissão e geração, são analfabetos visuais. Isso porque a grande maioria dos historiadores ainda via com maus olhos a imagem/fotografia como fonte. Para ela

A sociedade das imagens, que na atualidade impõe sobremaneira o imagético sobre o escrito, faz pensar, porém, se é possível para a história abdicar desses documentos. Mais que isso, a investigação das imagens, sejam estas obras de arte ou fotografias, pode abrir para o historiador um universo a ser explorado, principalmente no campo da memória e do imaginário. As imagens visuais são portadoras daqueles elementos que se aproximam mais do sonho, da imaginação e das sensibilidades. Moldadas pelas configurações históricas e sociais de sua produção, suas intenções ultrapassam

o desejado no momento de sua elaboração pelas múltiplas possibilidades que são oferecidas pelo ato de olhar. Como representações do real, as imagens visuais constroem hierarquias, visões de mundo, crenças e utopias e, neste sentido, podem constituir-se em fontes preciosas para a compreensão do passado. (POSSAMAI, 2008, p. 1)

Ao analisar os atributos de enquadramento, arranjo, articulação de planos, estrutura e efeitos de fotografias dos anos 1920 e 1930 de Porto Alegre, Possamai consegue apreender as motivações do ato fotográfico, bem como a construção dos sentidos que o fotógrafo deseja despertar nos leitores. De modo que não necessariamente o visível na fotografia interessa, mas, sobretudo, o invisível, o que está no campo da representação é que interessa ao historiador.

Em Sergipe, o modo de entender a História de Raphael Samuel tem ganhado eco nos chamados "Núcleos de saber local", nos quais pesquisadores antigos e iniciantes, professores e alunos, curiosos e depoentes vêm dando vida às singularidades de suas terras. O "Grupo Pedra Bonita", de Itaporanga; O "Grupo Itabaiana Grande", da cidade de Itabaiana; o "Grupo Visgo de Jaca", da cidade de Lagarto; entre outros que se formam sob o comando do historiador local Luiz Antonio Barreto, vêm somando esforços tal qual a rede History Workshop na Inglaterra e vêm desvendando as várias nuances da sua História, hoje também vista de baixo.

Sobre os núcleos, afirma Barreto (2011):

Um NÚCLEO DE SABER LOCAL é um instrumento com a bitola certa para a valorização das pessoas, medidas não mais pela fortuna pessoal, ou pela formação escolar, mas pelo perfil cultural que o cotidiano ensina, mesmo quando a cidade não perde sua posição de vantagem nos ranquings acadêmicos, mercê da competência pessoal que formou médicos, advogados, engenheiros, dentistas, professores, e outros profissionais vitoriosos, com atividades locais ou em outros lugares.

A valorização das identidades formadas mediante um contexto histórico, social, político, cultural e econômico é o que propõem os membros dos Núcleos do saber local. Eles partem da premissa de que se deve conhecer o local para, a partir dele, conhecer o global. Assim como estes, exemplos outros podem ser mencionados, como o de vários memorialistas que utilizam suas próprias casas para guardar ali o que consideram histórico, ou mesmo aqueles que escrevem suas memórias como

uma testemunha ocular do passado ou, ainda, aqueles que, aproveitando os espaços virtuais da rede mundial de computadores criam seus *blogs*, *sites*, comunidades nas redes sociais para enaltecer o passado de sua cidade, de seu bairro, de sua escola, de sua turma de colégio ou faculdade. O fato é que a memória, mesmo correndo o risco de tomar o lugar da História, deve ser valorizada do ponto de vista histórico, pois é a ela que o historiador recorre quando os documentos não lhe respondem.

Outros estudos no Brasil que envolvem a metodologia da história oral, a memória e a história local têm em Raphael Samuel um referencial teórico, entretanto, o campo preciso da História da Educação vem deixando de lado suas contribuições. Hoje, dado os novos objetos, as novas fontes e os novos métodos, podemos recorrer a Samuel, principalmente quando os temas envolvem instituições educativas, personagens locais, suas criações e engajamentos. Isso porque, apesar de poder ser maquiada, manipulada, a fotografia revela uma representação construída, ou não, que serve para a História da Educação ao revelar espaços, uniformes, laboratórios, sessões de educação física, desfiles cívicos, jogos, entre outras imagens que auxiliam na compreensão de um determinado contexto histórico.

A metodologia da história oral, por sua vez, revela sensações, representações, motivações e é por onde se pode recorrer para saber detalhes. Aliada a outras fontes, ela chega próximo à verdade. Ela serve para que as interpretações do tempo presente ganhem sistematização e possam ser veiculadas e interpretadas em tempos futuros. Na visão de Guacira Louro (1990, p. 22):

Na educação, esta abordagem histórica pode trazer uma compreensão mais densa das salas de aula, da representação do trabalho para professores e estudantes; pode iluminar os lugares ocultos da vida escolar; apontar as formas mais sutis de resistência desenvolvidas pelos diferentes agentes do processo educativo; sublinhar os efeitos de currículos, normas, diretrizes; permitir uma leitura mais ampla do educativo que existe nas relações familiares, comunitárias, políticas, etc.

No Brasil, Raphael Samuel ainda é pouco conhecido, tendo apenas dois artigos. O primeiro, intitulado "Teatros de memória", está na revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC São Paulo, traduzido por Maria Therezinha Janine Ribeiro e Vera Helena Prada Maluf, com revisão técnica de Dea Ribeiro Felton e Heloisa de Faria Cruz, onde também se encontra o seu obituário escrito por Bill Schwarz traduzido por Janice Mazzilli

Louzada. O segundo, de título "História local e história oral", está no número 19 da *Revista da Associação Nacional de História*. O teor de seus artigos, entretanto, foi suficiente para inspirar os autores brasileiros citados a teorizarem a partir de suas ideias. Suficiente? Creio que não. A História da Educação brasileira carece de ser investigada, teorizada, sistematizada e, por que não, localizada, interpretada a partir de outros olhares, em que ganhem voz, por exemplo, as professoras primárias do interior dos estados brasileiros que só estudaram até a quarta série primária e que, suprimindo as deficiências estatais, se desdobraram e alfabetizaram várias gerações de brasileiros e que hoje, por não constarem como intelectuais da educação, ficam relegadas ao não lugar na História da Educação de seus municípios, de seus estados e consequentemente de seu país.

Ao atentar para esses tipos de personagens, considerados, muitas vezes como coadjuvantes, é que foi pensado, como forma de compreender esse tipo de História, o projeto de pesquisa "Memória oral da educação sergipana", que tem como objeto de pesquisa trajetórias de vidas de professores do interior do estado e como objetivo compreender os modos de educar desses professores que não necessariamente respeitaram as reformas educacionais sancionadas e implementadas, mas criaram uma cultura de escola própria, concebida a partir das suas próprias singularidades, mediadas por métodos que partiam do cotidiano escolar e não dos manuais escolares. Tal projeto, por meio da metodologia da história oral, vem identificando práticas escolares que revelam uma parte da História da Educação sergipana ainda não dada a ver e que, tal qual aquela contada a partir dos documentos, dos jornais, da cultura material ou mesmo dos diários de classes e dos livros de registros, devem constar na historiografia da educação.

Penso que ao atentar para a história local, mais precisamente para a História da Educação local, utilizar a metodologia da história oral, compor uma micro-história a partir de sujeitos simples é tecer uma História também vista de baixo, é seguir os moldes deixados por Raphael Samuel, é participar do grupo de historiadores que democratizam a História.

Peter Burke, seu colega e hoje um dos historiadores ingleses mais bem-sucedidos da contemporaneidade, ao organizar o livro *A escrita da História*, publicado pela primeira vez em 1991, confessa ser a ideia do livro fruto de suas conversas com Raphael Samuel. É nesse livro que Burke e os outros autores deixam claro o paradigma da nova História e a necessidade de desmistificação da narrativa. Nesse sentido, apresenta quatro soluções: a micronarrativa, a partir da narração da história de populares no tempo e no espaço, observando a presença das estruturas; a utilização de várias vozes a fim de conhecer os conflitos e as constâncias que marcam um fato; a compreensão do peso

que o passado tem no presente e, finalmente, a busca da relação dialética entre acontecimento e estrutura. (BURKE, 1992).

Com tal contribuição, o movimento da nova História ganha força, adeptos, objetos, métodos, fontes, análises, em cujas bases encontram-se nomes como o de Raphael Samuel, que embora não tenha nascido da academia, traz em seu ofício os argumentos e os exemplos de uma História democratizada, na qual figuram mulheres, operários, mineradores, pedreiros, crianças, sindicalistas, entre outros sujeitos simples que assim como os grandes heróis são partícipes da História e como tal devem constar na historiografia. Por certo, recebeu críticas e falta de apreço, além de ser avaliado como historiador de efemeridades, mas também é certo que suas ideias, suas práticas e seus modos de educar o configuram como um historiógrafo que abriu os horizontes do novo modo de conceber a História.

Um ano depois de sua morte, em 1997, foi publicado com o nome de "Raphael Samuel, Tributes and Appreciations" uma série de ensaios e obituários sobre ele, assinados por Bill Schwarz, John Prescott, Gareth Stedman Jones, Mervyn Jones, John Keegan, Ben Pimlott, Patrick Fridenson, Martin Kettle, Christopher Harvie, Chimen Abramsky, Douglas Blain, Stuart Hall, Gordon Marsden, Alun Howkins and Carolyn Steedman. O livro também conta com ensaios acerca da sua vida no Colégio Ruskin e de suas visões sobre política, além de algumas de suas memórias. Penso que Gareth Stedman Jones sintetiza bem a personagem Raphael Samuel. Segundo ele Raphael Samuel teve "a visão de um crítico literário, a acuidade de um antropólogo e a sagacidade de um jornalista político". Talvez seja por isso que inspirou os estudantes de Rustink, os membros da Oficina de História, os acadêmicos da Universidade do Leste de Londres, os colegas de profissão, além de os admiradores a compartilharem com ele a escrita da História, desta feita também vista de baixo.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz Antonio. *Cultura no interior ou núcleo de saber local*. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=118198&titulo=Luis_Antonio_Barreto>. Acesso em: 22 fev. 2012.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. A história (oral) da educação: algumas reflexões. *Em Aberto*, Brasília, v. IX, n. 47, p. 21-28, 1990.

MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, história e memória: da unicidade do passado às outras histórias. *Patrimônio e Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n. 2, p. 66-89, dez. 2009. Disponível em: <http://www.cedap.assis.unesp.br/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_mem.2/artigos/imprensa_historia_memoria.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2012.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia, história e vistas urbanas. *Revista História*, Franca, v. 27 n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742008000200012&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 fev. 2012.

SAMUEL, Raphael. Desprofesionalizar la historia. *Debats*, Valencia, n. 10, 1984.

_____. Teatros de memória. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, fev. 1981.

_____. História local e história oral. Tradução de Zena Winona Eisenberg. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

_____. *People's history and socialist theory* (History Workshop series). London: Edited by Raphael Samuel, 1981.

_____. *Village life and labour*. London; Boston: Routledge; Kegan Paul, 1975.

SCHWARZ, Bill; LOUZADA, Janice Mazzilli. Obituário: Raphael Samuel. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, p. 83-88, fev. 1981.

SCHWARZSTEIN, Dora. Fuentes orales e los archivos: desafios y problemas. *Historia, Antropología y Fuentes Orales*, n. 27, 2002.

SILVA, Luis Carlos Borges da. A importância do estudo da história regional e local no ensino fundamental. In: *ANAIS do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 04: História e Educação: sujeitos, saberes e práticas*. Caetité-BA, 2006. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuba/artigos/anpub_III/luis_carlos.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2012.

VARUSSA, Rinaldo José. Pensando a paisagem como uma possibilidade para o ensino de História. *Revista Cadernos de História*, Uberlândia, n. 8, 2000.